Universidades Lusíada

Carochinho, José António, 1963-

Adaptação e validação psicométrica de uma escala destinada a avaliar o funcionamento ordálico nos jovens

http://hdl.handle.net/11067/6400

Metadados

Data de Publicação 2020

Resumo Os comportamentos de risco em adolescentes e jovens adultos são uma realidade que não vale a pena escamotear. Resultam de uma necessidade de afirmação e de um gosto muito particular pela novidade (Machado, 2015). No entanto alguns desses comportamentos de risco enquadram-se naquilo a que de designa de comportamentos ordálicos, isto é comportamentos em que um indivíduo se envolve deliberadamente e de forma repetida em situações potencialmente fatais. Este artigo apresenta-nos o resultado da adapt...

Risk behaviors in adolescents and young adults are a reality that is not worth concealing. They result from a need for affirmation and a very particular taste for novelty (Machado, 2015). Many of these behaviours are ordalique ones and consist in braving death with repetitive and deliberate risk-taking. This article presents the adaptation and psychometric validation of the Ordalique Functioning Questionnaire (QFO) from Cardénal, Sztulman, & Schmitt (2007) to the portuguese language based on a s...

Palavras Chave Comportamento de risco (Psicologia) na adolescência, Testes psicológicos

Tipo article

Revisão de Pares yes

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 11, n. 1 (2020)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-29T05:57:26Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO PSICOMÉTRICA DE UMA ESCALA DESTINADA A AVALIAR O FUNCIONAMENTO ORDÁLICO NOS JOVENS

ADAPTATION AND PSYCHOMETRIC VALIDATION OF A SCALE DESIGNED TO ACESS ORDALIQUE FUNCTIONING IN YOUNG PEOPLE

José António Carochinho
Universidade Lusíada de Lisboa – COMEGI
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa – CIPES

DOI:
Recebido: 00.00.0000
Aprovado: 00.00.0000

Resumo: Os comportamentos de risco em adolescentes e jovens adultos são uma realidade que não vale a pena escamotear. Resultam de uma necessidade de afirmação e de um gosto muito particular pela novidade (Machado, 2015). No entanto alguns desses comportamentos de risco enquadram-se naquilo a que de designa de comportamentos ordálicos, isto é comportamentos em que um indivíduo se envolve deliberadamente e de forma repetida em situações potencialmente fatais. Este artigo apresenta-nos o resultado da adaptação e validação psicométrica do Questionário de Funcionamento Ordálico (QFO) de *Cardénal*, Sztulman, & Schmitt (2007) para a língua portuguesa com base numa amostra de 287 jovens. Em termos de validade de constructo, os resultados da análise factorial de componentes principais permitiu-nos identificar uma estrutura bi-factorial interessante e em termos de fiabilidade, os alfas de Cronbach revelaram valores bastante aceitáveis quer para a escala global, quer para cada um dos factores.

Palavras-Chave: Funcionamento ordálico; Comportamentos ordálicos; Validade; Fiabilidade; QFC.

Abstract: Risk behaviors in adolescents and young adults are a reality that is not worth concealing. They result from a need for affirmation and a very particular taste for novelty (Machado, 2015). Many of these behaviours are ordalique ones and consist in braving death with repetitive and deliberate risk-taking. This article presents the adaptation and psychometric validation of the Ordalique Functioning Questionnaire (QFO) from *Cardénal*, Sztulman, & Schmitt (2007) to the portuguese language based on a sample of 287 portuguese young people. The construct validity determined through a factorial analysis of main components, allowed us to identify an interesting two-factorial structure and in terms of reliability, Cronbach's alphas revealed quite acceptable values both for the global scale and for each of the factors.

Keywords: Ordalique functioning; Ordalique behaviours; Validity; Reliability; OFQ.

Introdução

A adolescência e a juventude são aquelas fases da vida em que ocorrem grandes oportunidades mas também alguns comportamentos considerados de risco, tanto mais que a propensão para a descoberta se correlaciona positivamente com a tenta-

tiva de afirmação pessoal, que muitas vezes é mediada pelo grupo social de pertença e de referência. Machado (2015, p. 21) refere que "para melhor caracterizar o adolescente actual, aceitamos hoje a classificação da Organização Mundial de Saúde, dos 10 aos 20 anos, e consideramos duas fases com características biológicas, psicológicas e sociais específicas: uma precoce, dos 10 aos 14 anos, que se desenrola durante o aparecimento da puberdade, e uma tardia, dos 15 aos 20 anos, já ultrapassada esta fase biológica, e que se chama juventude (*youth*), acreditando que o jovem vive e sente uma semidependência e ambivalência quanto às competências que possui e à sua capacidade de as utilizar para conseguir os seus objectivos". Dos 20 anos em diante entra-se na fase de jovens adultos; mas, assim que atingem os 30, a maioria das pessoas deixa de se considerar jovem.

O comportamento de risco é o nome dado à conduta de um indivíduo que age por impulso, sem considerar as consequências de tal comportamento, expondo-se a situações de perigo. Grandino (2016) refere que "a noção do risco pode ser percebida em duas direções. Numa delas, congrega valores de audácia e coragem, de certa ironia diante do perigo, de desafio frente a obstáculos e na direção de ampliar conquistas. Noutra, remete-nos a apelos de contenção, de adesão às normas vigentes, alimentadas por um sentimento de destruição – pessoal ou social – em caso de transgressão". Muitas das vezes a valorização excessiva dos valores associados ao risco e a dificuldade de contenção e adesão às normas societais exigidas, leva a que muitos indivíduos passem ao acto e desenvolvam tais comportamentos de risco, incorporando-os no seu repertório comportamental. Desta forma, estes passam a preencher os vazios de uma falta de sentido de vida dando-lhes um motivo para lhe dar algum significado. Estes comportamentos assumem a condição de ordálica quando essa busca de significado para a vida assume o confronto com a morte, dando-lhes iguais possibilidades de dela escapar.

Os comportamentos ordálicos são práticas assumidas por determinados indivíduos - práticas essas de caráter repetitivo e que comportam um risco mortal, ou seja actividades na qual a vida corre perigo e cujo desfecho deve ser imprevisível, mas que tem como objetivo um teste, e não propriamente intenções suicidárias. Grandino (2016) refere que o que subjaz a essas condutas é o apelo ao destino, à sorte, na tentativa de controlá-lo e, ao sobreviver, levando a vida ao limite, revalidá-la, provando seu direito a ela. Le Breton (2012) refere que "o ordálio é uma maneira de jogar o todo pelo próprio todo e, dessa forma, se entregar a uma prova pessoal para testar a legitimidade da vida ainda não experimentada pelo jovem porque o laço social foi incapaz de lhe proporcionar. Ele interroga simbolicamente a morte, e pelo fato de sobreviver garante o valor de sua existência. Todas as condutas de risco dos jovens tem uma tonalidade 'ordálica'. A exposição ao perigo visa expelir o que é intolerável para encontrar uma forma de paz. Escapar da morte pode induzir ao retorno para uma vida mais feliz. Sobreviver redefine radicalmente o sentido da existência. Se o enraizamento da existência não está sustentado no gosto pela vida, resta, então, contrabandear o sentido

colocando-se em perigo ou em situações difíceis, para encontrar finalmente os limites que faltam e, principalmente, para testar sua legitimidade pessoal". Spink (2001), por sua vez, refere que a perspectiva das condutas ordálicas praticadas por adolescentes e jovens permite-nos pensar sobre o que alguns chamam de "formas corrompidas de assunção do risco" na medida em que nelas há um constante desafio da própria morte morte. São encaradas como um tipo de último recurso para aqueles que pensam que, de qualquer maneira, não têm mais nada a perder.

A investigação sobre comportamentos ordálicos tem utilizado como suporte de pesquisa o "*Questionnaire de Fonctionnement Ordalique*" (QFO) de Cardénal, Sztulman, e Schmitt, (2007), sobretudo em amostras de toxicodependentes e de jovens com transtornos alimentares. No entanto outros autores têm assinalado a pertinência deste instrumento em amostras de sujeitos "não patológicos" (Grandino, 2016) funcionando, o mesmo como um instrumento de carácter preventivo para as possibilidades de emergência de tais condutas.

Adaptação de uma escala

O processo de adaptação de uma escala é um processo que carece de algumas precauções por forma a não alterar o significado original dos itens nem dos constructos a serem mensurados. As línguas diferem muito umas das outras: traços descritos numa língua não têm necessariamente tradução correspondente noutra língua (De Raad, 1998). Pais-Ribeiro (2007) por sua vez acrescenta que "um item traduzido com respeito pelas regras lexicais tem probabilidade reduzida de ter o mesmo significado na língua original e na traduzida, por vezes, para manter o mesmo sentido, a solução é ajustar o texto". Da mesma forma que por vezes há itens cuja tradução não tem equivalência, ou não faz qualquer sentido, na língua para a qual se está a traduzir, pelo que a solução é a sua eliminação. McIntyre e Araújo-Soares (1999) referem que num processo de adaptação, a tradução dos itens deve combinar vários métodos ou etapas (*multistep srategy*). Deste modo as autoras sugerem que a tradução deva incluir: uma tradução directa, uma tradução inversa (ou retroversão) e por fim uma comparação das duas versões para verificar se existem discrepâncias entre elas, isto é, se o sentido dos itens não foi alterado e, efectuar correções da tradução original, se assim for necessário. Posteriormente, após o pré-teste e uma aplicação a uma amostra suficientemente grande, os dados devem ser submetidos aos mesmos procedimentos psicométricos que a versão original supostamente foi submetida (Bradley, 1994).

Descritas estas considerações importa esclarecer que o objectivo do presente estudo foi o de traduzir, adaptar e avaliar as qualidades psicométricas do *Questionnaire de Fonctionnement Ordalique*" (QFO) com base numa amostra de jovens e jovens adultos portugueses. Os tópicos que se seguem ilustram o caminho percorrido assim como os resultados encontrados.

Método

O presente estudo tem um carácter exploratório e apresenta um delineamento descritivo com recorte transversal e, recorre a uma amostragem por acessibilidade e conveniência de jovens portugueses.

Participantes

Este estudo foi constituído com base numa amostra não probabilística de 287 sujeitos, com idades compreendidas entre os 15 e os 28 anos (M=20.46; DP=3.22), sendo 167 do sexo masculino (58.20%) e 120 do sexo feminino (41.80%). No que respeita à escolaridade, 84 possui habilitações ao nível do ensino secundário (29,30%) e 203 frequentam o ensino superior (70,70%). Em termos de residência, 206 são da zona de Lisboa (71.80%) e 81 de outras zonas do país (28.20%).

Instrumento

O questionário utilizado continha a versão portuguesa do "*Questionnaire de Fonctionnement Ordalique*" (QFO). Este questionário foi desenvolvido em França por Cardénal, Sztulman, e Schmitt, (2007) e é considerado um instrumento que permite verificar o potencial, ou propensão, para o desenvolvimento de condutas ordálicas nos jovens. É constituído por 71 itens pontuados numa escala tipo Likert de quatro posicionamentos: 1 = "Discordo totalmente", 2 = "Discordo", 3 = "Concordo" e 4 = "Complectamente de acordo". O valor da propensão para comportamentos ordálicos é dado pelo somatório dos itens. No entanto antes da determinação desse valor há um conjunto de 15 itens cuja pontuação carece ser invertida em virtude da forma como os mesmos foram redigidos (itens 10, 16, 18, 19, 21, 23, 24, 35, 38, 43, 44, 48, 50, 55, 66). O valor mínimo possível é de 71 e o máximo de 284. Os autores argumentam a existência de quatro dimensões (adiante especificadas) apesar de psicometricamente as mesmas não se terem comprovado.

O questionário continha ainda um conjunto de quatro variáveis de caracterização sócio demográfica (género, idade, escolaridade e zona de residência).

Procedimento

O processo de adaptação da escala seguiu os procedimentos anteriormente descritos. Para tal recorreu-se ao processo de tradução no qual participaram dois tradutores fluentes em língua francesa, que realizaram de modo independente a tradução da escala para a língua portuguesa, após o que se procedeu à retroversão da versão traduzida e posterior comparação com a versão original. Feitas as adaptações necessárias, foi efectuado um pré-teste em sala de aula com uma dezena de

jovens estudantes para verificar o cabal entendimento dos itens por esta faixa etária. O questionário definitivo foi colocado online na plataforma *Google form*s, o qual incluía o consentimento informado, onde eram explicados os objectivos da investigação, a natureza voluntária da participação, bem como a garantia de anonimato do respondente. O Link produzido pela plataforma foi disseminado por e-mail para um número considerável de contactos de jovens.

Resultados

Apresentam-se de seguida um conjunto de estatísticas que ilustram os procedimentos relativos ao estudo psicométrico desta escala. Focar-nos-emos na análise da validade de constructo, fiabilidade e sensibilidade.

Validade de Constructo

Para o estudo da validade de constructo recorreu-se a uma análise factorial de componentes principais com rotação *varimax*, visando encontrar as quatro dimensões preconizadas pelos autores:

- **Propensão para ter actividades perigosas** – Prática de desportos radicais, consumo de drogas, sexualidade arriscada, condução perigosa, etc.
- **Propensão para comportamentos transgressivos** (ou simplesmente transgressão) – que se refere à relação do sujeito com a lei, com regras, com proibições e com a autoridade.
- **Representação heroica de sujeitos que praticam comportamentos de risco**. Esta dimensão aplica-se principalmente à função narcísica da assumpção de riscos.
- **Crenças várias que povoa o imaginário do sujeito** associadas ao comportamento de risco (sorte, destino, Deus, crenças sobrenaturais).

Previamente, foi determinado o valor da estatística Kaiser-Meyer-Olkin (KMO=0.77) a qual indicou uma razoável adequabilidade da matriz de dados e a significância do teste de esfericidade de Bartlett [χ^2 =10817.371; p=0.00] o qual revelou que as correlações entre os itens eram adequadas para a prossecução da análise factorial. As várias tentativas para encontrar a matriz tetra-factorial preconizada pelos autores mostraram-se infrutíferas, em virtude dos itens aparecerem misturados nos vários factores. No entanto, recorrendo a uma matriz bi-factorial conseguiu-se encontrar uma matriz interpretável que explica 25.53% da variância dos resultados: o primeiro factor com *eigenvalue* de 12.31 explica 17.34% da variância dos resultados e agrupa os itens dos três primeiros factores preconizados pelo autor (propensão para actividades perigosas, relação do sujeito com a lei e a autoridade e a representação he-

roica dos sujeitos que têm comportamentos de risco), pelo que daremos a esse factor **propensão para actividades perigosas** (ver tab. 1). O segundo factor com *eigenvalue* de 5.81 explica 8.19% da variabilidade dos resultados e agrupa, as várias **crenças** do sujeito nos domínios da sorte, do azar, do destino, com a ideia de uma personificação destes como proteção. Inclui igualmente os itens que se referem ao espiritismo e à superstição (ver tab. 2).

Fiabilidade

A análise da consistência interna de uma medida psicológica é uma necessidade aceite na comunidade científica. Entre os diferentes métodos que nos fornecem estimativas do grau de consistência de uma medida salienta-se o índice de Cronbach sobre o qual acenta a confiança da maioria dos investigadores (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Por isso mesmo, a fiabilidade da escala foi determinada pelo método da consistência interna, com recurso ao coeficiente alfa de Cronbach, os valores obtidos revelaram-se bastante adequados: 0.90 para a escala global (propensão para o funcionamento ordálico) e de 0.91 e 0.74 respectivamente para o primeiro (propensão para actividades perigosas) e segundo factor (várias crenças associadas ao risco).

Tabela 1 - *Estrutura factorial do Questionário de Comportamentos Ordálicos (factor 1)*

Itens	F-1
8. Gosto de atividades perigosas e desafiantes.	.74
61. Gosto do perigo, porque é ele que dá sabor à vida.	.72
47. As situações perigosas ou aquelas que põem em risco a vida, são a mais excitantes.	.70
56. Dizem frequentemente que eu sou inconsciente e aventureiro.	.69
11. Gosto de correr riscos.	.69
42. Acho excitante participar em atividades ilegais ou imorais.	.63
37. Excitar-me-ia fazer parapente ou praticar asa-delta.	.60
59. Acho que realizar atividades perigosas dá mais valor e mais importância do que outras menos perigosas.	.59
40. Acho que assumir riscos me tornam mais forte.	.59
39. Acho bastante mais interessante praticar ski sem ser em qualquer tipo de pista.	.58
4. Procuro praticar atividades perigosas que permitem impressionar os outros.	.57
32. Sinto-me muitas vezes desafiado pelos outros.	.56
27. Fico muito excitado de estar muito tempo debaixo de água.	.54
71. Estou disposto a fazer corrida de carros (ou motos) na via pública.	.52
7. Gosto da sensação de velocidade.	.51
28. Já tentei algumas vezes desafiar a sorte.	.50
31. Admiro a coragem das pessoas que arriscam a sua vida em atividades perigosas.	.50

Tabela 1 - *Estrutura factorial do Questionário de Comportamentos Ordálicos (factor 1)*

Itens	F-1
9. Numa feira ou num festival divertida(o), nunca perco a oportunidade de experimentar tudo o que me propicie novas sensações.	.49
46. Tenho a tendência a não respeitar o código da estrada (não respeitar os semáforos, os sinais de stop, ultrapassar os limites de velocidade estabelecidos, respeitar ou fazer uso adequado das passadeiras, …).	.48
66. Teria muito medo de saltar de paraquedas.	.48
29. Gostaria de consumir (ou já consumi) drogas alucinogénias (LSD, cogumelos,) para ver os efeitos que elas têm em mim.	.48
64. Considero as pessoas que "brincam" com a vida e com a morte como verdadeiros heróis.	.47
49. As pessoas que não ousam enfrentar situações de risco são medrosos ou os covardes	.47
68. Recordo-me de na minha vida ter tido frequentemente acidentes, lesões físicas e fracturas.	.47
44. Sou uma pessoa mais prudente do que ousada.	-.45
5. Gostaria de experimentar (ou já experimentei) as sensações do famoso *bungee jumping* (que consiste em saltar de uma grande altura num vazio amarrado aos tornozelos ou cintura por uma corda elástica).	.44
67. De um modo geral, não gosto de seguir ordens, regras e regulamentos.	.44
15. Estou sempre em conflito com os outros.	.43
60. Já experimentei (ou gostaria de experimentar) *ecstasy* ou outras pastilhas parecidas.	.43
52. Já tive, ou estou pronto, a correr o risco de ter uma relação sexual sem preservativo com uma pessoa desconhecida que me excite (ou me tenha excitado).	.43
26. Estou sempre pronto a fazer aquilo que para mim me parece bem, sem pensar nas consequências.	.43
43. Teria muito medo de surfar nas ondas do mar ou sobre a neve.	.40
51. Gostaria de experimentar os efeitos das drogas duras (heroína, cocaína,) têm em mim.	.40
30. Uma vida calma e pacífica seria para mim extremamente aborrecida.	.39
20. Muitas vezes sinto necessidade de fazer algo para me destacar dos outros.	.39
23. As sensações fortes que os alpinistas experimentam não me atraem.	.38
70. Não me importo de ter relações sexuais fora do meu relacionamento afetivo.	.38
13. Gosto de jogar aos jogos de dinheiro.	.38
1. Excita-me muito andar de moto.	.38
36. Já conduzi sem carta de condução (ou já estive tentado a fazê-lo).	.38
63. Gostaria de fumar (ou fumo ou já fumei) cannabis para experimentar as sensações que provoca.	.37
14. Confortar-me com os perigos, com as dificuldades ou com os obstáculos, permite-me testar os meus limites e as minhas possibilidades.	.37
53. Já me aconteceu ter uma condução perigosa ao volante.	.36
2. Alguns membros da minha família, e amigos chegados, praticam desportos de risco e são verdadeiramente destemidos.	.34
58. Estou pronto para realizar fantasias sexuais incomuns e um pouco loucas.	.34

Tabela 1 - *Estrutura factorial do Questionário de Comportamentos Ordálicos (factor 1)*

Itens	F-1
19. Acho insensatas as pessoas que arriscam a sua pele praticando desportos perigosos.	.33
33. Não tem qualquer mal adoptar um comportamento contrário aos usos e costumes.	.31
21. Nunca roubaria nada, mesmo sabendo que nunca iria ser apanhado.	.29
22. Jogo frequentemente nos jogos de azar (máquinas com ranhura como casinos, *black-jack*, loto, ...).	.28
48. Não compreendo os jovens que enfrentam as autoridades policiais.	.23
57. Já me questionei sobre o futuro do espírito após a morte.	.21
16. Só corro riscos quando os mesmos são calculados	.14
eigenvalue	12.31
Variância explicada (%)	17.34

Tabela 2 - *Estrutura factorial do Questionário de Comportamentos Ordálicos (factor-2)*

Itens	F-II
41. Tenho grande confiança na sorte, mesmo que ela não apareça na hora certa (um dia há-de aparecer!).	.72
25. Duma maneira geral, pode-se dizer que sou uma pessoa com muita sorte.	.68
34. A sorte tem-me permitido alcançar novos limites.	.67
3. Acredito na sorte.	.66
6. Dum modo geral, posso dizer que a sorte me acompanha.	.64
54. Quando me encontro numa situação infeliz ou delicada, tenho sempre a sensação de que a sorte está comigo e que tudo irá acabar bem.	.58
62. Creio na existência de um Deus ou de uma Entidade Divina, de Forças Superiores.	.54
12. Acredito na reencarnação ou que existe alguma coisa depois da morte.	.48
17. Penso que o destino está traçado para cada um de nós.	.46
45. Nos momentos difíceis ou importantes, tenho sempre comigo amuletos e/ou outros objetos que me dão sorte.	.46
50. Não acredito na sorte nem no destino porque na verdade nós somos mais ou menos responsáveis por aquilo que nos acontece.	.46
65. Penso que na vida não há coincidências, é tudo uma questão de sorte.	.45
38. Não compreendo os jovens que nas discotecas, e nas "*rave-party*" consomem todos os tipos de drogas sem conhecer a sua origem, a sua composição e os seus efeitos no organismo.	-.38
24. Estou ligado às tradições	-.38
69. Tento aproveitar ao máximo a sorte mesmo em situações difíceis ou irracionais.	.37
55. Sentir-me-ia muito desconfortável se não respeitasse as directrizes dos meus chefes ou da empresa para qual trabalhasse.	-.31
35. Acho que o espiritismo (comunicar com os espíritos, ou com o além, à volta de uma mesa) é completamente absurdo.	.29
10. Dum modo geral não sou supersticiosos (exº não passar por baixo de uma escada; cruzar-me com um gato preto,...).	,26

Tabela 2 - *Estrutura factorial do Questionário de Comportamentos Ordálicos (factor-2)*

Itens	F-II
18. Quando bebo demais (e/ ou fumo umas ganzas valentes), não conduzo ou peço a alguém que me leve a casa.	-.10
eigenvalue	5.81

Sensibilidade psicométrica

A sensibilidade é a capacidade que uma escala tem para discriminar os sujeitos segundo a característica que está a ser mensurada. De acordo com Bouvard & Cottraux (1998) "*la sensibilité se définit comme la finesse discriminative de l´outil d´évaluation*". Para o estudo da sensibilidade psicométrica apresentam-se os valores da média, do desvio padrão e os valores absolutos da assimetria e curtose, para a medida global da escala (indicadora do potencial de funcionamento ordálico). Como podemos verificar esses valores são bastante aceitáveis e indicadores de sensibilidade.

Tabela 3 - *Estatísticas descritivas*

Medida da escala	M	Me	DP	Ass.	Curt.	Min.	Máx.
Funcionamento Ordálico	148.31	144.00	25.86	.58	.24	99	228

Analisando o traçado do histograma da medida relativa ao potencial de Funcionamento Ordálico (ver figura 1) confirma-se que a escala possui um considerável número de escalões intermédios de classificação dos sujeitos.

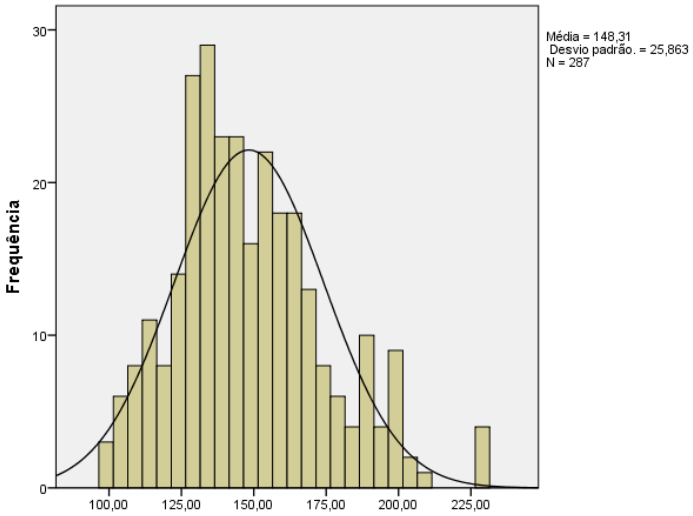

Figura 1. Histograma com o traçado da curva normal para a medida global do potencial de Funcionamento Ordálico

Determinação dos Percentis

Uma vez que existem diferenças significativas no Potencial de Funcionamento Ordálico em função do género nos sujeitos na amostra utilizada (t (285)= 4.15; p<.00), em que os sujeitos do sexo masculino apresentam valores mais elevados (M=153.54; DP=27.90) que os do sexo feminino (M=141.00; DP=22.15) e, para termos uma perspectiva geral acerca da distribuição das pontuações médias brutas obtidas, estabeleceu-se uma equivalência entre essas pontuações e o respectivo percentil. Os valores obtidos constam da tabela seguinte:

Tabela 4 - *Equivalência entre as médias das notas brutas e respectivo percentil*

	Potencial de Funcionamento Ordálico		
	TOTAL	**S. Masculino**	**S. Feminino**
Percentis	(N=287)	(N=167)	(N=120)
5	108.20	112.40	104.00
10	116.80	125.40	112.10
25	131.00	133.00	124.50
50	144.00	147.00	139.00
75	164.00	171.00	155.00
90	188.00	192.00	169.00
99	197.00	200.20	177.95

Discussão

O presente estudo pretendeu adaptar para a língua portuguesa de uma escala destinada a avaliar o potencial de funcionamento ordálico de jovens e verificar o seu comportamento psicométrico com base numa amostra de jovens e jovens adultos. Em termos de validade de constructo, os resultados obtidos identificaram uma estrutura bi-factorial, diferente da que foi preconizada pelos autores, os quais preconizavam a existência de quatro dimensões independentes. A propensão do sujeito se envolver em actividades de risco, a visão positiva do risco, assim como a dimensão transgressiva aparecem-nos no nosso estudo como uma única dimensão. Significa isso que os sujeitos da nossa amostra com propensão para se envolverem em actividades de risco, agregam às mesmas uma visão positiva do risco, assim como a de passar ao acto, numa perspectiva cônscia de transgressão, isto é, de condutas que transgridem a relação com a lei, com as regras, com as proibições e com a autoridade policial. A segunda dimensão isolada, relaciona-se com as crenças do sujeito nos domínios da sorte, do azar, do destino e com a superstição. Nas restantes características psicométricas encontramos uma consistência interna bastante aceitável, sobretudo na media global (propensão para o funcionamento ordálico) e uma boa capacidade para discriminar os sujeitos no constructo que mensura, pelo que que se lhe assinala uma boa sensibi-

lidade psicométrica. Face ao que precede recomenda-se a sua utilização em estudos subsequentes em que se pretenda avaliar o potencial de funcionamento ordálico.

Este foi o primeiro estudo efectuado, que o podemos considerar com carácter exploratório. Considerando a grande quantidade de itens que este questionário comporta, propomo-nos no entanto envidar esforços para a criação de uma versão reduzida com um menor número de itens que seja de mais fácil aplicação e que mereça uma maior adesão por parte daqueles que a ela responde. No entanto tal facto não invalida a utilidade e utilização da versão original com populações ditas "normais" isto é não patológicas como forma de prevenção ou em pesquisas com amostras de sujeitos de populações ditas clínicas, como os próprios autores sugerem.

Referências

Bouvard, M., & Cottraux, J. (1998). *Protocoles et échelles d´evaluation en psychiatrie et en psychologie*. Paris: Masson.

Bradley, C. (1994). Translation of questionnaires for use in different languages and cultures. In *Handbook of Psychology and Diabetes: a guide to psychological measurement in diabetes research and practice.* Harwood: Academic Publishers.

Cardénal, M., Sztulman, H., & Schmitt, L. (2007). Le questionnaire de fonctionnement ordalique (QFO): premiers éléments de validation et résultats préliminaires chez des toxicomanes et des anorexiques. *Annales Médico-psychologiques, revue psychiatrique, 165* (10), 703-713.

De Raad, B. (1998). Five big, big five issues: Rationale, contente, structure, status, and crosscultural assessement. *European Psychologist, 3* (2), 113-124.

Grandino, P. J. (2016). Práticas de risco entre os jovens: estudo preliminar sobre condutas ordálicas. *Psicologia USP, 27,* 1, 145-152. Doi: https://doi.org/10.1590/0103-656420130047.

Le Breton, D. (2012). O risco deliberado sobre o sofrimento dos adolescentes. *Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais, 37*, 33-44.

Machado, M. C. (2015). *Adolescentes.* Lisboa: FFMS

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia, 4,* (1), 65-90.

McIntyre, T., & Araújo-Soares, V. (1999). Validade da Versão portuguesa do questionário de meios para lidar com a dor de Brown. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caires (Org.s), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos, VI*, (pp. 289-298). Braga: APPORT.

Pais-Ribeiro J. L. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.

Spink, M. J. P. (2001). Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública, 17* (6), 1277-1311.